



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FLÁVIA MARIA LAUREANO FERREIRA

**O FANTÁSTICO EM “A CAFETEIRA”, DE THEÓPHILE GAUTIER E
“AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma análise
comparativa**

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2025

FLÁVIA MARIA LAUREANO FERREIRA

**O FANTÁSTICO EM “A CAFETEIRA”, DE THEÓPHILE GAUTIER E
“AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma análise
comparativa**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual da
Paraíba UEPB, como um dos requisitos para
obtenção do grau em Licenciatura Plena em
Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383f Ferreira, Flávia Maria Laureano.

O fantástico em "A cafeteira" de Théophile Gautier, e as "As formigas" de Lygia Fagundes Telles [manuscrito] : uma análise comparativa / Flávia Maria Laureano Ferreira. - 2025.

48 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. O fantástico. 2. Théophile Gautier. 3. Lygia Fagundes. 4. Literatura Comparada. I. Título

21. ed. CDD 809

FLÁVIA MARIA LAUREANO FERREIRA

**O FANTÁSTICO EM “A CAFETEIRA”, DE THEÓPHILE GAUTIER E
“AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma análise
comparativa**

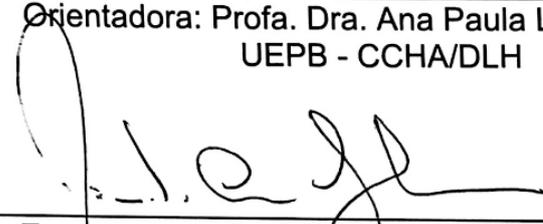
Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual da
Paraíba UEPB, como um dos requisitos para
obtenção do grau em Licenciatura Plena em
Letras.

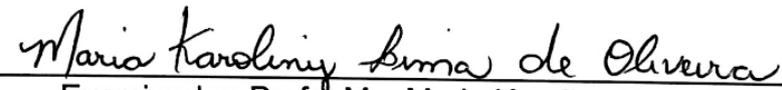
Área de concentração: Literatura

Aprovada em 03 / 06 / 2025.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH


Examinadora: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
UEPB - CCHA/DLH


Examinador: Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira
UEPB - CCHA/DLH

Ao meu filho, amado André Luiz Laureano Ferreira, por ser o motivo da minha perseverança, força e coragem. Que a minha trajetória sirva de exemplo.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ser tão presente na minha vida. Eu não poderia chegar até aqui, sem a tua graça. Foram muitos obstáculos e superações, mas, o Senhor me sustentou.

Aos meus pais, **Francisco André Ferreira Paulino** e **Sibely Laureano Ferreira de Lima**, por fazerem tanto por mim e pelo meu filho, me faltam palavras para descrever o quanto vocês são importantes e essenciais na minha vida. Sem vocês eu jamais chegaria até aqui, sou muito grata por acreditarem no meu potencial.

Eu não poderia deixar de agradecer aos meus avós, **José Laureano de Lima** e **Maria Salete de Almeida Lima**, por se fazerem presentes de uma maneira especial e significativa. Aos meus bisavôs, **Helena de Almeida** e **Antônio Alves de Lima** (*In memoriam*), por terem acreditado em mim, sei que de onde estiverem ficarão orgulhosos por esse momento.

Agradeço todo o apoio que recebo das minhas queridas irmãs, **Fernanda Altina Laureano Ferreira** e **Fabrcia Laureano Ferreira**, saibam que nosso vínculo me tornou ainda mais forte. Agradeço ainda aos meus sobrinhos, **Maria Helena Laureano de Sousa**, **Miguel Ferreira Costa** e **Manoel Ferreira Costa**, e também ao meu cunhado **Rafael Costa e Silva**.

Ao meu namorado, **Paulo Henrique Torres Cardins**, por não deixar de acreditar e ser um grande incentivador. Foi um importante colaborador para essa conquista.

A minha querida e estimada orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, pela prontidão e toda dedicação. Muito obrigada por todo conhecimento construído no decorrer deste trabalho.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, *campus* IV, por proporcionar uma graduação bastante proveitosa, pela parceria, companheirismo e principalmente pelos ensinamentos. Nessa etapa, criamos vínculos extremamente necessários para nossa vida acadêmica, profissional e pessoal.

A minhas colegas e amigas, especialmente **Amanda Gomes dos Santos**, **Maria Alice da Costa Silva**, **Mariana Pereira da Silva** e **Thainá Medeiros da Silva**, por se tornarem uma das coisas mais fantásticas desse ciclo. Cada momento que

vivenciamos, muitos deles com bastante dificuldade, outros mais leves, por estarmos juntas. Que nossa amizade permaneça por muito tempo.

Enfim, eu gostaria de agradecer a todos os que contribuíram de alguma forma, seja direta ou indiretamente no decorrer da conclusão dessa etapa. Meus sinceros agradecimentos.

“Toda a boa literatura nos transforma em homens e mulheres de outras culturas, de outros países, de diferentes religiões, diferentes tempos e nos faz sentir em casa em lugares muito distantes. É esse o milagre e a magia da literatura.”

(Amós Oz)

O FANTÁSTICO EM “A CAFETEIRA”, DE THEÓPHILE GAUTIER E “AS FORMIGAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: uma análise comparativa

RESUMO:

Pretende-se com esta pesquisa, analisar o fantástico presente nos contos “A cafeteira” (1831) de Théophile Gautier e em “As formigas” (1977), de Lygia Fagundes, e considerar os enfoques desta análise comparativa, retratando principalmente a literatura e a cultura incluindo o estudo da teoria e da crítica literária histórica e contemporânea fundamentado na literatura comparada. Esta monografia, de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, foi construída com base em diversas contribuições teóricas e metodológicas que enriquecem a análise literária. Autores como Brunel, Pichois e Rousseau (1990), Carvalhal (1991), Tornquist (1996) e Nitrini (2000) ofereceram reflexões fundamentais sobre literatura comparada, teoria literária e interpretação de textos. Candido (2010) trouxe um olhar aprofundado sobre a literatura sob uma perspectiva social, enquanto Cortázar (1994), Lucas (1989) e Gotlib (1988) ampliaram o debate com suas considerações sobre o conto. Já Todorov (1975) contribuiu significativamente ao fornecer ferramentas essenciais para a análise da narrativa fantástica. Além desses, outros autores também foram fundamentais para a análise e compreensão dos contos discutidos nesta pesquisa. Após a análise das referidas obras nas fronteiras da literatura comparada, foi possível perceber que este campo literário perpassa limites culturais, temporais e linguísticos, estabelecendo conexões entre diferentes tradições literárias.

Palavras-Chave: O fantástico. Théophile Gautier. Lygia Fagundes. Literatura Comparada.

THE FANTASTIC IN “A CAFETEIRA”, BY THEÓPHILE GAUTIER AND “AS FORMIGAS”, BY LYGIA FAGUNDES TELLES: a comparative analysis

ABSTRACT:

The aim of this research is to analyze the fantastic present in the short stories “A cafeteira” (1831) by Théophile Gautier and in “As formigas” (1977), by Lygia Fagundes, and to consider the approaches of this comparative analysis, mainly portraying literature and culture, including the study of historical and contemporary literary theory and criticism based on comparative literature. This monograph, of a bibliographic nature and qualitative approach, was constructed based on several theoretical and methodological contributions that enrich literary analysis. Authors such as Brunel, Pichois and Rousseau (1990), Carvalhal (1991), Tornquist (1996) and Nitrini (2000) offered fundamental reflections on comparative literature, literary theory and text interpretation. Candido (2010) provided an in-depth look at literature from a social perspective, while Cortázar (1994), Lucas (1989) and Gotlib (1988) expanded the debate with their considerations on short stories. Todorov (1975) contributed significantly by providing essential tools for the analysis of fantasy narratives. In addition to these, other authors were also fundamental for the analysis and understanding of the short stories discussed in this research. After analyzing these works within the boundaries of comparative literature, it was possible to perceive that this literary field crosses cultural, temporal and linguistic boundaries, establishing connections between different literary traditions.

Key-words: The fantastic. Théophile Gautier. Lygia Fagundes. Comparative Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O FANTÁSTICO NA LITERATURA.....	16
2.1 O papel das narrativas fantásticas no gênero literário conto	16
2.2 Théophile Gautier	19
2.3 Lygia Fagundes Telles.....	20
3 LITERATURA COMPARADA.....	23
3.1 Origem e desenvolvimento da literatura comparada.....	23
3.2 Conceitos fundamentais e contribuições.....	25
4 “A CAFETEIRA” E “AS FORMIGAS”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA.....	28
4.1 Aspectos históricos, sociais e culturais dos contos	28
4.2 A função do fantástico na composição dos enredos e personagens.....	31
4.2.1 Théophile Gautier e sua obra “A cafeteira”.....	33
4.2.2 Lygia Fagundes Telles e sua obra “As Formigas”.....	37
4.3 O fantástico nas fronteiras da literatura comparada	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma análise comparativa do conto “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, a partir dos pressupostos da literatura comparada. Essa abordagem caracteriza-se pelo estudo das relações entre duas ou mais literaturas, examinando as obras em suas particularidades culturais, históricas e sociais. Ao confrontar autores de contextos distintos, a literatura comparada amplia seu escopo investigativo, permitindo a exploração de conexões e contrastes que enriquecem a compreensão dos textos em diálogo.

A temática presente nesta pesquisa estabelece uma comparação entre dois contos, um brasileiro e um francês, com o objetivo de analisar suas semelhanças e diferenças em aspectos como o espaço narrativo, perspectivas culturais, contexto histórico, características dos autores, estrutura e enredo. Dessa forma, por meio da literatura comparada, associamos as obras, considerando suas singularidades históricas, sociais e culturais, para evidenciar diálogos e contrastes entre os textos.

Esta monografia, de cunho bibliográfico, fundamentou-se em diversas contribuições teóricas e metodológicas. Autores como Brunel, Pichois e Rousseau (1990), Carvalhal (1991), Tornquist (1996) e Nitrini (2000), contribuíram com estudos sobre literatura comparada, compreensão da teoria literária e análise de textos. Candido (2010) ofereceu um arcabouço para a análise literária sob a perspectiva social, enquanto Cortázar (1994), Lucas (1989) e Gotlib (1988) enriqueceram a discussão com suas análises sobre o conto. Todorov (1975) forneceu ferramentas para a análise da narrativa fantástica. Além desses, outros autores também foram fundamentais para a análise e compreensão dos contos discutidos nesta pesquisa.

Diante de pesquisas realizadas, as obras ainda não foram analisadas sob a perspectiva que será desenvolvida ao longo desta monografia. Embora existam estudos sobre os contos “A cafeteira” (como a análise “*O onírico nas narrativas de Théophile Gautier*”, de Cristovam Bruno Gomes Cavalcante, 2013) e “As formigas” (como em “*Lygia Fagundes Telles e o fantástico: uma análise de 'A caçada' e 'As formigas'*”, de Renan Fornaziero de Oliveira), não há pesquisas que explorem sua temática sob o viés da literatura comparada.

Esta pesquisa, portanto, é pioneira ao propor uma análise conjunta dos contos,

estabelecendo paralelos e contrastes entre eles. O estudo aborda o uso do fantástico na construção do enredo e dos personagens, além de examinar aspectos como: contexto sociocultural francês e brasileiro, estrutura narrativa e escolas literárias e influências estéticas. Dessa forma, a análise comparativa permite uma compreensão mais ampla das semelhanças e diferenças entre as duas obras, destacando como o fantástico se manifesta em distintos períodos e realidades.

Assim, este estudo justifica-se pela relevância de investigar a apropriação do fantástico no gênero conto, bem como pela contribuição da Literatura Comparada na análise das convergências e divergências entre obras de autores distintos. A escolha dos contos “A cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, permite explorar as distintas manifestações do fantástico em narrativas produzidas em contextos históricos e culturais diversos. Além disso, a pesquisa busca demonstrar como essas obras não apenas dialogam com as convenções literárias de seu tempo, mas também refletem inquietações sociais e ideológicas específicas de seus períodos, enriquecendo a compreensão crítica do fantástico como expressão artística e cultural.

O gênero em questão sempre esteve presente na literatura mundial, e um dos aspectos mais notáveis são as narrativas fantásticas. A utilização do fantástico permite ao autor construir um universo singular, onde o ilógico se torna viável e o absurdo ganha materialidade. Diante disso, é fundamental compreender como a Literatura Comparada nos ajuda a identificar as semelhanças e divergências na abordagem do fantástico no conto, tomando como objetos de estudo as obras “A cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles.

Diante disso, a literatura oferece uma rica variedade de contos, abrangendo desde os realistas e populares até os de fadas, terror, humor, infantis, psicológicos e fantásticos. Dentre esses, o fantástico se destaca por construir universos que desafiam as fronteiras do real, transportando o leitor para dimensões onde o cotidiano se dissolve em sonhos, sensações inexplicáveis ou atmosferas carregadas de mistério. Nesse gênero, elementos como suspense, ambiguidade e medo são fundamentais, pois instigam uma constante tensão entre o possível e o sobrenatural.

A essência do fantástico reside justamente na dualidade de interpretação, os fenômenos descritos podem ser lidos tanto como manifestações naturais quanto como

eventos além da razão, cabendo ao leitor decidir em qual camada de significado se aprofunda. Essa oscilação entre o real e o inexplicável, essa hesitação diante do desconhecido é o que define e enriquece a narrativa fantástica, permitindo uma experiência literária única, onde a realidade se dobra ao extraordinário.

Ainda assim, é fundamental destacar o papel desse estudo literário ao abordar o gênero, pois o conto, como modelo estilístico, se define por sua narrativa concisa, esta que o distingue de outros gêneros. Sua estrutura, composta por situação inicial, desenvolvimento e desfecho, constitui um elemento primordial na elaboração da trama.

Sabe-se que, por meio de análises comparativas, é possível desenvolver a escrita e a leitura como habilidades essenciais na graduação em Letras – Português, aprimorando a criticidade do aluno em relação aos aspectos do gênero estudado e sua percepção sobre estudos interdisciplinares da literatura. Essa, de fato, é a verdadeira função da literatura comparada no âmbito da língua portuguesa.

Ambas as obras compartilham semelhanças no uso do fantástico, uma vez que esse elemento é fundamental para o desenvolvimento das narrativas. No entanto, é possível identificar diferenças na construção dos personagens e na função desempenhada pelo fantástico em cada história.

No conto “As formigas” (1977), de Lygia Fagundes, apresenta um universo ficcional que, apesar de começar de forma realista ao descrever a rotina desses insetos, vai gradativamente se tornando fantástico ao exagerar o comportamento humano na colônia de formigas, uma crítica sutil à sociedade. Já em “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier apresenta uma narrativa que traz desde o início um elemento fantástico, a cafeteira que promete inspiração para o artista que ousa beber seu líquido misterioso.

Dessa maneira, é plausível presumir que as narrativas fantásticas em “A cafeteira” (1831) e “As formigas” (1977), refletem as inquietações sociais e culturais de seus contextos históricos. Diante desse pressuposto, cabem as seguintes reflexões: Como o elemento fantástico se manifesta nessas obras? Qual o papel desempenhado pelo fantástico na estruturação dos enredos e na caracterização dos personagens? Por fim, como a literatura comparada pode elucidar as convergências e os contrastes entre os dois contos?

A pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro, intitulado “O

fantástico na literatura”, aborda o conceito essencial da literatura fantástica e analisa os contos “A cafeteira” (1831) e “As formigas” (1977) por meio de um estudo comparativo, destacando semelhanças e diferenças entre as narrativas. Além disso, examina os autores, suas características estilísticas, contexto histórico, escola literária e influências. O capítulo também promove uma reflexão sobre o papel das narrativas fantásticas nos cenários social e cultural da França e do Brasil, buscando pontos de convergência entre as duas tradições literárias.

No segundo capítulo, intitulado “Literatura Comparada”, discutiu-se a evolução dessa disciplina desde sua origem até os dias atuais. Por abranger um vasto campo de atuação, ela adquiriu grande relevância nos estudos literários. Com foco nas relações transtextuais entre as obras analisadas, serão abordados os conceitos de intertextualidade e hipertextualidade, destacando as principais concepções e fundamentos da literatura comparada. A análise será conduzida de maneira sistemática, por meio de uma leitura comparativa paralela, a fim de facilitar a identificação dos aspectos inter relacionados.

No terceiro e último capítulo, intitulado “A cafeteira e As formigas: uma análise comparativa”, são destacados os aspectos históricos, sociais e culturais que permeiam ambas as obras, considerando seus contextos francês e brasileiro. A partir dessa base, propõe-se uma análise mais aprofundada das narrativas, buscando aproximações e distanciamentos significativos por meio da perspectiva da Literatura Comparada.

Nesse estudo, serão identificados tanto os elementos em comum quanto às diferenças presentes na construção do fantástico, na estrutura do enredo e na caracterização dos personagens Theódore, Ângela, Arrigo Cohic e Pedrino Borgniolli, em “A cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e a narradora e sua prima, em “As formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles. Desse modo, serão examinadas outras particularidades estilísticas que distinguem ou aproximam os dois textos.

A pesquisa adotará uma abordagem bibliográfica para embasar o referencial teórico, com análise comparativa fundamentada na interpretação crítica das obras selecionadas. Quanto aos recursos, além do acesso às fontes primárias, serão utilizados artigos científicos e livros especializados em Literatura Comparada, com foco no estudo do fantástico no gênero conto. O processo incluirá sistematização das referências e mineração de dados, assegurando precisão metodológica. Portanto, o

estudo visa elucidar a função do elemento fantástico nas obras analisadas através da comparação, ampliando a compreensão do tema e enriquecendo o debate acadêmico sobre suas manifestações literárias.

2 O FANTÁSTICO NA LITERATURA

2.1 O papel das narrativas fantásticas no gênero literário conto

O primeiro passo para essa análise é compreender o significado do fantástico na literatura. Conforme Todorov (1975, p. 16): “O conceito de fantástico se define, portanto, em relação ao real e ao imaginário”. Para o autor, esse gênero não se confunde com o terror ou o mistério, mas se caracteriza pela hesitação, provocando estranhamento e dúvidas no leitor. Ele complementa: “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece senão as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (Todorov, 1975, p. 16). Assim, a literatura fantástica é vista como uma sensação jamais experimentada, pois causa inquietação no leitor no decorrer de cada história.

A definição de Todorov (1975), destaca o fantástico como um gênero que se sustenta na ambiguidade entre o real e o sobrenatural, exigindo do leitor e, muitas vezes, do personagem uma hesitação diante do inexplicável. Diferentemente do terror, que busca assustar, ou do mistério, que busca resolver um enigma, o fantástico mantém uma tensão irresoluta, desafiando as fronteiras do possível. Essa abordagem influenciou estudos literários ao enfatizar a importância da percepção e da incerteza na construção do efeito fantástico, tornando-o um campo rico para análises sobre o estranhamento e os limites da racionalidade.

A literatura fantástica cria histórias baseadas em elementos que fogem da realidade, apresentando criaturas extraordinárias, magia e fenômenos sobrenaturais. Conforme Santos (2013, p. 2): “[...] as pessoas, desde a infância, são atraídas por essas narrativas em que bruxas, fadas, mágicas, transformações e outros elementos misteriosos fazem parte de um todo onde cada um desses recursos acrescenta à trama um componente novo”. Quando empregados na construção do enredo e dos personagens, esses elementos fantásticos desempenham diversas funções essenciais.

Segundo Júlio Cortázar (1993), a literatura fantástica tem como principal função despertar a curiosidade e a imaginação do leitor, criando expectativas a partir do contato com o desconhecido. Vale ressaltar, o quanto o fantástico prende o leitor por

meio de suas características, transformando algo natural em uma história sobrenatural, envolvendo temáticas da atualidade:

[...] o verdadeiramente fantástico não reside tanto nas estreitas circunstâncias narradas, mas na sua ressonância de pulsação, de palpitar surpreendente de um coração alheio ao nosso, de uma ordem que nos pode usar a qualquer momento para um dos seus mosaicos, arrancando-nos da rotina para nos pôr um lápis ou um cinzel na mão (Cortázar, 1993, p. 179).

Em primeiro lugar, o recurso ao fantástico surge como um mecanismo eficaz para representar questões cotidianas sob uma ótica singular. Por meio da imaginação, o autor transfigura temas complexos em narrativas agradáveis, conferindo-lhes uma dimensão simbólica. É o caso, por exemplo, do embate entre um herói e um vilão na ficção, que pode metaforizar tanto a resistência à opressão sociopolítica quanto o confronto com problemáticas sociais mais amplas.

O uso do elemento fantástico na literatura, mais especificamente no gênero conto, tem sido objeto de estudo por diversos teóricos e críticos literários. Tendo em vista, a estrutura deste gênero, podemos analisar a forma como a literatura fantástica atinge o público leitor de maneira profunda e misteriosa, através da hesitação e suspense. Considerando o que diz Candido (2010):

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Candido, 2010, p. 16-17).

Na sua análise, Antonio Candido ressalta que é fundamental enxergar a literatura através de uma lente social, de forma profunda e estrutural. Ele defende que não basta usar o contexto social como um mero cenário ou pano de fundo histórico. Para Candido (2010), o social não é algo separado do texto, que apenas o situa no tempo e no espaço, mas sim uma parte essencial da própria criação artística da obra.

De acordo com a própria autora, Lygia Fagundes, em uma entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, relata seus primeiros contatos com a literatura fantástica e a maneira como se sentia ao escrever seus contos. Lygia Fagundes (1983), se surpreende ao notar que a maioria deles tinham características do fantástico e que ainda era influência para outros autores:

Lembro-me de um livro de contos que escrevi quando era muito jovem, em 1958. Eram contos que hoje seriam considerados fantásticos. Na época esse gênero não estava na moda. No entanto, fui impelida pelos personagens a escrever, a me identificar com todo aquele mundo de mistérios, os meus sonhos, as visões, o meu lado obscuro. Agora esses contos e mais alguns que escrevi na década de 70 e provam a minha inclinação para esse tipo de literatura, que hoje sim está na moda, foram publicados no livro "Mistérios". Aliás, o interesse por esses contos surgiu de uma editora alemã que selecionou uma série de contos meus para publicá-los com o título de "Contos Fantásticos". Fiquei na maior perplexidade quando vi a maioria dos contos escolhidos. Nunca pensei que tivesse escrito tanto conto fantástico. Fiquei na maior excitação. Foi uma descoberta saber que eu estava escrevendo esse tempo todo contos fantásticos (Telles, 1983, n. p.).

Além disso, a utilização do fantástico possibilita uma exploração mais profunda do potencial humano. Personagens dotados de elementos sobrenaturais, como telepatia ou força invencível, encarnam a realização plena de capacidades latentes no ser humano. Esses atributos extraordinários simbolizam a transcendência dos limites da condição comum, conduzindo tanto os protagonistas quanto os leitores a esferas elevadas da existência, onde novas dimensões da realidade se revelam.

Outra função relevante do fantástico é oferecer símbolos que representam os medos e anseios humanos. Por meio de suas características e habilidades únicas, as criaturas fantásticas encarnam facetas da condição humana, como o amor, a morte, o temor e a vontade. O autor pode valer-se desses elementos imaginários para construir metáforas impactantes, capazes de traduzir a complexidade e o sentido da existência humana. Vejamos a definição a seguir, apresentada por Malrieu (1992):

A narrativa fantástica repousa em última instância sobre o confronto de um personagem isolado com um fenômeno, exterior a ele ou não, sobrenatural ou não, mas do qual a presença ou intervenção representa uma contradição profunda com as molduras do

pensamento e da vida do personagem, a ponto de os perturbar completamente e solidamente (Malrieu, 1992, p. 49).

Imagine que estamos lendo uma história onde coisas estranhas e inexplicáveis acontecem. Segundo Malrieu (1992), essas histórias nos mostram como nossa razão, nossa capacidade de entender o mundo, pode ser frágil. Quando nos deparamos com o impossível, somos obrigados a questionar tudo o que sabemos, a repensar o que é normal.

Essa ideia não é nova. Tzvetan Todorov (1975), também explorou essa sensação de incerteza. Para ele, o fantástico mora exatamente nessa dúvida: será que o que estamos vendo tem uma explicação natural, ou é algo sobrenatural? Essa hesitação, essa indecisão, é o que nos fascina e nos assusta ao mesmo tempo.

Por fim, a função do fantástico é proporcionar uma sensação de escapismo. A ficção fantástica permite que os leitores vivenciem realidades e situações radicalmente distintas de suas próprias, oferecendo uma fuga do cotidiano e a chance de imergir em um universo completamente novo. Essa liberação é essencial, pois amplia as possibilidades da experiência humana.

Além disso, o fantástico desempenha um papel central na construção do enredo e dos personagens, enriquecendo o significado da narrativa. Por meio desses elementos, o autor explora simbolismos e tramas que revelam aspectos profundos da condição humana. Ao mesclar o imaginário com a trama e os personagens, cria-se uma oportunidade única para o leitor: uma fuga emocionante e autêntica da realidade.

2.2 Théophile Gautier

Pierre Jules Théophile Gautier, foi um poeta, jornalista e crítico literário, francês que nasceu no ano de 1811 e faleceu aos 61 anos em 1872¹. Iniciou suas atividades como escritor no Romantismo francês, um grande defensor desse movimento literário,

¹ Informações disponíveis em: SANTOS, Camila Cristina dos. Between day and night: the duality in “La Morte Amoureuse” by Théophile Gautier. *In: Olho d'água*. São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 76-87, 2020. ISSN 2177-3807. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/739/611>. Acesso em: 12 de abr. de 2025.

e foi precursor da Escola Parnasiana, sendo o primeiro de sua geração. Escreveu diversas obras com aspectos da literatura fantástica e temas sobrenaturais. Théophile Gautier foi um mestre na narrativa de fantasia do século XIX, trazendo um estilo único que mesclava a estética e o sobrenatural. A sua busca por obras de fantasia já não é o terror gótico, mas sim a expressão artística requintada, o que está em linha com a sua teoria da “arte pela arte”.

A literatura, surgiu com o objetivo de enfatizar o sentimento, fantástico, sonho e o inconsciente, características que são transparentes em seu conto “A Cafeteira” (1831). Ao ler o conto de Théophile Gautier, nos deparamos com uma obra literária escrita a quase dois séculos atrás, mas que apresenta uma linguagem de fácil compreensão, o que prova que a literatura perdura entre os séculos e se mantém presente.

O conto “A Cafeteira” foi publicado pela primeira vez em 1831, possui uma narrativa que desde o início apresenta um elemento fantástico, a possibilidade de uma cafeteira preparar uma bebida que concederá inspiração e talento ao artista que a beber. “A cafeteira” (1831) narra a história de Theodore, que junto aos seus dois amigos Arrigo e Pedrino foram convidados a passar uma temporada em uma casa na Normandia, onde presenciou experiências sobrenaturais e fantásticas no quarto em que ficou hospedado. Os quadros, objetos e uma cafeteira ganham vida, um encontro com uma mulher misteriosa é o momento mais inesperado, Ângela, por quem se sente atraído, sem esperar que esta não mais pertence no mesmo mundo que o seu.

Nos contos fantásticos de Théophile Gautier, mergulhamos em um mundo onde a imaginação corre solta, tecendo narrativas que nos arrebatam. Ele nos transporta para cenários grandiosos e perturbadores, onde a emoção pulsa em cada palavra. Seus textos são como portais para o sonho, uma fuga romântica que duplica a realidade e nos convida a explorar os recantos mais profundos da alma humana.

2.3 Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles nasceu em 19 de abril de 1923, na vibrante cidade de São Paulo. Ao longo de sua notável trajetória, destacou-se como uma talentosa

contista e romancista, deixando uma marca profunda na literatura brasileira. Integrante da terceira fase do modernismo, conhecida como geração de 45, conquistou prêmios de grande prestígio, como o Jabuti e o Camões, reafirmando seu talento e sua relevância. Sua jornada literária começou cedo: em 1938, publicou seu primeiro livro de contos, *Porão e Sobrado*, e anos depois, em 1954, apresentou ao público seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, obra que se tornou um clássico. Sua escrita refinada e sensível atravessou gerações, consolidando seu nome entre os grandes da literatura.²

A escritora brasileira, apresenta em suas obras um forte caráter psicológico, caracterizadas por uma prosa intimista com fluxo de consciência, protagonismo feminino e dimensão psicológica, já os seus personagens são considerados imersos em dúvidas e incertezas. Algumas de suas narrativas foram marcadas pelo realismo mágico ou fantástico. Segundo Silva (2013): “Lygia faz da linguagem um instrumento preciso para a tradução de estados interiores do ser humano e suas nuances mais delicadas” (Silva, 2013, p. 17). O que a torna escritora de contos fantásticos, são essas particularidades encontradas em diversos textos da autora.

Assim, a autora apresenta em seus contos uma integração entre o universo fantástico e o cotidiano do espaço urbano, enriquecida por diversos elementos da modernidade. A autora Isabella Martins (2019), enaltece a escrita de Lygia Fagundes e destaca aspectos encontrados em seus contos fantásticos que a tornam uma escritora espetacular, principalmente quando se trata de mistério:

Neste raciocínio, sustentamos a importância, para as narrativas fantásticas, em conhecer e saber reconhecer a modalidade do fantástico não óbvio da autora que atesta, em seus contos, uma notável capacidade de transformar o cotidiano em uma rica teia de eventos, possibilitando ao leitor diversos sentimentos, tais como dúvida, fascínio, incômodo, deleite, etc. (Martins, 2019, p. 50).

Em sua obra “As Formigas” foi publicada em 1977 no livro “Seminário dos Ratos”, seu enredo se dá em uma pensão simples, onde duas estudantes, uma de

² Informações disponíveis em: SILVA DIAS, Maria Fernanda. Lygia Fagundes Telles: vida, obra e legado para a Literatura Brasileira. In: **Faces da História**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 22–25, 2022. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2389>. Acesso em: 12 de abr. de 2025.

direito e uma de medicina decidiram morar, pois era próximo a universidade. Os quartos estavam ocupados, sobrando apenas o sótão, onde havia um caixote de madeira com ossos de anão, deixados por um antigo morador. Ao decorrer do conto, ocorre o aparecimento de formigas, que são as personagens antagonistas. Elas apareciam no início da madrugada, caminhando enfileiradas em direção ao caixote, e desapareciam pela manhã. Em uma certa noite, a estudante de medicina percebeu que o objetivo das formigas era montar o esqueleto do anão, uma obra recente que também tem claramente elementos do fantástico.

No referido conto, apresenta uma narrativa que se inicia de forma realista, com a descrição da rotina de algumas formigas, mas que aos poucos, com a introdução de novos elementos, vai se tornando fantástica. A fantasia literária gera no leitor a curiosidade e atenção aos mínimos detalhes, tornando a leitura satisfatória e rica em particularidades que a torna diferente de qualquer outra obra.

Lygia Fagundes tratou com profundidade questões femininas e abordou em suas obras temas como vida urbana, problemas sociais, drogas, adultério e o amor. Seus personagens, geralmente são inquietos e vulneráveis, são usados como ferramentas para reflexões psicológicas, agindo de forma espontânea e, ao mesmo tempo, como uma crítica irônica à sociedade.

Nessa perspectiva, trabalha temáticas extremamente importantes de uma maneira peculiar: “[...] consegue transcrever em seus contos a ambiguidade intrínseca ao indivíduo que, mesmo em ambientes comuns, realizando afazeres cotidianos, consegue ser complexo, pois a mente está além do ordinário [...]” (Martins, 2019, p. 50). Assim, Lygia Fagundes incorpora elementos da literatura fantástica em seu trabalho, abordando o inusitado e o sobrenatural de forma delicada e psicológica. Frequentemente, seus contos apresentam cenários ambíguos, onde o real e o fantástico se mesclam, provocando um efeito de estranheza e inquietação no leitor.

3 LITERATURA COMPARADA

3.1 Origem e desenvolvimento da literatura comparada

A literatura comparada, desde seus primórdios, seguia uma regra fundamental, não era permitido comparar obras de uma mesma língua, pois isso carecia de propósito. Com o surgimento das literaturas grega e romana, tornou-se possível identificar as diferenças culturais entre as diversas regiões, embora, naquela época, ainda não houvesse uma compreensão clara do papel desse campo literário. Gradualmente, a literatura comparada foi adquirindo relevância. No século XIX, ela consolidou ainda mais suas contribuições para o panorama literário. Contudo, foi somente nas primeiras décadas do século XX que a literatura comparada alcançou o *status* de disciplina reconhecida. Segundo Nitrini (2010):

O comparatismo tradicional existe ainda e, de certo, será cultivado por muito tempo, mas acha-se hoje relegado à periferia das pesquisas. Uma das tendências atuais da literatura comparada é antes de tudo transcender as fronteiras nacionais e linguísticas, a fim de examinar as questões literárias gerais de um ponto de vista internacional. Daí seu empenho em detectar leis comuns às literaturas nacionais ou, pelo menos, àquelas cujas histórias apresenta analogias, para descobrir sob que linha de força geral as literaturas evoluem. Tal procedimento necessita não somente de uma terminologia isenta de qualquer conotação nacional, mas também de princípios aplicáveis a um grupo de literaturas (Nitrini, 2010, p. 117).

Nesse sentido, podemos destacar como a literatura comparada evoluiu ao longo do tempo. Antes, o foco estava em comparar obras dentro de um contexto mais restrito. Hoje, no entanto, essa abordagem busca ultrapassar barreiras geográficas e linguísticas para enxergar a literatura de forma mais ampla e conectada. A ideia é identificar padrões e tendências que atravessam diferentes culturas, mostrando como as literaturas dialogam entre si e evoluem de maneira interligada. Esse olhar mais global exige um método que seja neutro em relação a aspectos nacionais e que permita comparar diversos sistemas literários sem restrições. Assim, a literatura comparada se fortalece como um campo essencial para entender a diversidade e a relação do universo literário.

Vale ressaltar a essência da literatura comparada como uma abordagem

sistemática voltada para identificar conexões entre textos, culturas e tradições literárias. Ao explorar analogias, influências e relações de parentesco entre obras de diferentes épocas e línguas, essa disciplina contribui para uma compreensão mais profunda da produção literária como um fenômeno interligado. Sendo assim, a literatura comparada não apenas amplia horizontes críticos, mas também possibilita novas interpretações e diálogos entre distintas manifestações do conhecimento e da expressão artística. Diante disso, os estudiosos Pichois e Rousseau (1967, p. 167) *apud* Moisés (1982, p. 200) descrevem com bastante clareza o que a literatura comparada representava e qual era a sua linha de pesquisa:

La littérature comparée est l'art méthodique, par la recherche de liens d'analogie, de parentée et d'influence, de rapprocher la littérature des autres domaines de l'expression ou de la connaissance, ou bien les faits et les textes littéraires entre eux, distants ou non dans le temps et dans l'espace, pourvu qu'ils appartiennent à plusieurs langues ou plusieurs cultures, fissent-elles partie d'une même tradition, afin de mieux les décrire, les comprendre et les goûter.

(A Literatura Comparada é a arte metódica, pela busca de ligações de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los) (Pichois; Rousseau; 1967, p. 167, *apud* Moisés 1982, p. 200).

Com isso, este campo literário é uma disciplina que perpassa limites culturais, temporais e linguísticos para estabelecer conexões entre diferentes tradições literárias. Segundo Moisés (1982, p. 199): “Qualquer estudo que incida sobre as relações entre duas ou mais literaturas [...] pertence ao âmbito da Literatura Comparada”. Dando ênfase não apenas nas semelhanças e diferenças, mas também na dinâmica de troca cultural e influência mútua. Desse modo, Tornquist (1996) destaca com clareza que:

O estudo comparativo da literatura não se fundamenta no simples ato de comparar duas obras ou dois autores; a reflexão crítica sobre dados dos textos aproximados implica atentar para a reelaboração desses dados, dando conta das transformações ocorridas na transposição de

um sistema a outro (Tornquist, 1996, p. 80).

Dessa forma, o estudo comparado é uma modalidade que investiga e compara diferentes obras literárias, considerando aspectos como história, idioma e estilo. Conforme Moisés (1982, p. 201): “A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes”. Conseqüentemente, esse estudo buscou entender como as literaturas de diferentes países ou épocas se relacionam, influenciam e dialogam entre si.

Por conseguinte, segundo a autora Carvalhal (2001, p. 5): “[...] essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação”. Por sua vez, a literatura comparada pode ir além dos textos literários, explorando conexões com outras formas de arte, como cinema, teatro e música, uma vez que está inteiramente ligada à cultura.

3.2 Conceitos fundamentais e contribuições

A literatura comparada desempenha um papel fundamental no enriquecimento do campo literário. Ao examinar obras provenientes de distintas culturas e períodos históricos, possibilita uma compreensão mais ampla de temas, estilos e influências, ampliando as perspectivas interpretativas dos textos. Tendo em vista que, os objetivos buscados pela literatura comparada são: “[...] compreender o processo de transculturação nas passagens interculturais e interliterárias [...]” (Boniatti, 2000, p. 82). Além disso, fortalece a interconexão entre diversos sistemas literários, promovendo o diálogo entre autores e correntes literárias de diferentes países e contextos, impulsionando trocas intelectuais que enriquecem a produção literária global.

A comparação entre textos nos permite identificar padrões recorrentes em temas, estilos e estruturas, ao mesmo tempo em que ressalta a singularidade de cada obra ou movimento literário. A literatura comparada desafia percepções limitadas ou

nacionalistas sobre a produção literária, revelando o caráter global e interconectado das narrativas e discursos. Assim, abre espaço para debates sobre os desafios e possibilidades da tradução literária, destacando como as obras podem ganhar novas interpretações em diferentes idiomas e contextos culturais. Dessa forma, a literatura comparada não apenas expande nosso olhar sobre textos específicos, mas também nos ajuda a enxergar a literatura como um universo rico, diverso e em constante transformação. Conforme Carvalho (1997):

Reconhecer que a literatura comparada é hoje plural; que assume formas distintas, estreitamente relacionadas não apenas com os conceitos teóricos que validam as metodologias adotadas, mas também com os locais onde é praticada. E é precisamente a diversidade das práticas que permite converter seu conjunto em objetos de comparação, pois não se pode comparar o que é totalmente idêntico (Carvalho, 1997, p. 9).

Nessa perspectiva, a literatura comparada não é uma disciplina fixa e única, mas sim plural e variável. Isso significa que ela se manifesta de diferentes formas, dependendo dos conceitos teóricos utilizados e dos contextos em que é estudada. A diversidade das abordagens e práticas na investigação intertextual é justamente o que permite comparações entre diferentes obras e tradições, pois não faria sentido comparar elementos que fossem completamente iguais. Consequentemente, a variedade nas fronteiras da literatura comparada é essencial para que a comparação seja possível e relevante. De acordo com Bittencourt (1996):

[...] uma das formas mais difundidas de abordagem do literário, pois a natureza de sua investigação, intertextual e interdisciplinar e a sua configuração teórica enriquecida pelas correntes contemporâneas, transformou-na em uma disciplina e num campo de investigação capazes de dar conta de amplas questões relativas ao estatuto literário de obras, autores, períodos e gêneros literários (Bittencourt, 1996, p. 7).

Destaca-se, portanto, a relevância da literatura comparada como uma abordagem essencial no estudo do fenômeno literário. Ao enfatizar sua natureza

intertextual e interdisciplinar, podemos ressaltar a amplitude dessa área de investigação, que permite analisar não apenas textos individuais, mas também as relações entre obras, autores e contextos históricos distintos. O enriquecimento teórico proporcionado pelas correntes contemporâneas fortalece ainda mais seu papel, consolidando-a como um campo dinâmico capaz de ampliar nossa compreensão sobre o estatuto literário. Desse modo, a literatura comparada se mostra indispensável para uma visão mais abrangente da produção literária e de suas múltiplas interações ao longo do tempo. Diante disso, Genette (1982) *apud* Mello (1996, p. 13) apresenta cinco tipos de relações transtextuais:

- **Intertextualidade:** presença de um texto em outro, com ou sem referência (citação, plágio, alusão, etc.);
- **Paratextualidade:** relação menos explícita e mais distante entre dois textos (títulos, subtítulos, advertências, prólogos, etc.);
- **Metatextualidade:** relação ou comentário que une um texto a outro (crítica literária);
- **Hipertextualidade:** toda relação que une um texto B (designado hipertexto) a um texto A anterior (hipotexto) no qual o texto derivado se enxerta de uma forma que não é a do comentário.
- **Arquitextualidade:** relação muda, que só articula uma menção paratextual (a de título: poesia, ensaio, etc.) e alude a um conjunto de características gerais ou transcendentais ao texto (gênero, tipos do discurso), de caráter taxionômico. (Mello, 1996, p. 13).

Perante o exposto, as relações transtextuais são fundamentais para compreender a complexidade das interações entre textos. É possível observar como os textos dialogam entre si de maneiras variadas, seja pela presença explícita de um no outro através da intertextualidade, por elementos que os acompanham conforme a paratextualidade ou até pela reinterpretação e transformação de um texto anterior como na hipertextualidade. Essa abordagem não apenas amplia a compreensão do funcionamento da literatura, mas também reforça a ideia de que todo texto é parte de um vasto e dinâmico universo discursivo. Dessa forma, a teoria transtextual se mostra essencial para estudos literários e para a análise das conexões entre obras de diferentes épocas e contextos.

4 “A CAFETEIRA” E “AS FORMIGAS”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

4.1 Aspectos históricos, sociais e culturais dos contos

Os contos analisados foram publicados em períodos significativamente distintos, com um intervalo de 146 anos entre “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes. Nesse período, as literaturas francesa e brasileira passaram por diversas transformações e desafios, influenciados pelos contextos históricos de cada época. Essa diferença temporal e geográfica torna a análise ainda mais instigante, evidenciando as particularidades culturais e estilísticas de cada obra.

Dessa maneira, o século XIX foi um período de grandes transformações na França, marcando mudanças políticas, sociais e econômicas que moldaram o futuro do país. Toda a Europa sofreu influência negativamente ou positivamente da Revolução Francesa³, que surgiu com o objetivo de lutar contra a autocracia, ou seja centralização do poder sob autoridade real.

Otto Maria Carpeaux (1973), renomado historiador, explora em sua obra *História da Literatura Ocidental* os momentos-chave que ajudaram a delinear a literatura como a conhecemos hoje. Seu livro traz uma análise crítica envolvente, examinando as características e os aspectos de cada movimento literário dentro do contexto de sua época, permitindo uma compreensão profunda da evolução da literatura ao longo dos séculos. O contexto histórico no qual o conto “A cafeteira” (1831) foi publicado, será abordado de maneira mais específica:

O acontecimento da Revolução Francesa produziu na Europa inteira – e no continente americano – uma profunda emoção, exprimindo-se em uma literatura de tipo emocional, que se deu a si mesma o nome de ‘romantismo’. A história desse movimento literário pode ser escrita em termos de história das revoluções: foi produzido pela revolução de 1789 e 1793; foi desviado pelo acontecimento contrarrevolucionário da queda de Napoleão, em 1815; reencontrou o élan inicial pela revolução de 1830; e acabou com a revolução de 1848. É literatura política, mesmo e justamente quando pretende ser apolítica. A Revolução Francesa satisfez a reivindicações que se exprimiram

³ Informações disponíveis em: Coggiola, O. (2014). NOVAMENTE, A REVOLUÇÃO FRANCESA. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 47. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137> Acessado em: 03 de maio de 2025.

através do pré-romantismo: o descontentamento sentimental e o popularismo encontraram-se na mística democrática do 'instinto sempre certo' do povo. Mas a Revolução não satisfez da mesma maneira àqueles pré-românticos, que não eram políticos, nem homens de negócios, nem homens do povo, e sim literatos, os primeiros literatos profissionais: estes foram logo excluídos da nova sociedade burguesa, que não admitiu outro critério de valor, se não o utilitarista (Carpeaux, 2012, p.17-18).

Diante desse processo, a literatura também passou por transformações, impulsionando o surgimento do Romantismo. Nesse contexto, "O Romantismo tem origens na Inglaterra e na Alemanha. Embora a Revolução Francesa tenha sido um grande referencial dessa estética no mundo ocidental, à França coube o papel de codificadora e divulgadora do movimento" (Oliveira, 1999, p. 140). Além disso, é importante destacar que as escolas literárias surgiram primeiramente no continente europeu, influenciando diretamente os rumos da produção artística e cultural.

Dessa forma, os escritores absorveram as experiências de seu tempo e expressaram suas ideias por meio de suas obras. Enquanto alguns recorriam à ironia, outros exploravam a crítica social, e havia também aqueles que se refugiavam em estilos literários como o fantástico, utilizando a ficção para transmitir suas reflexões sobre a realidade, como é o caso do autor francês Théophile Gautier.

Mais de um século depois, ainda podemos percorrer a riqueza da literatura brasileira, encontrando no conto "As Formigas" (1977), de Lygia Fagundes, um exemplo vivo da influência de diversos autores e correntes literárias que marcaram a escrita ao longo do tempo. Apesar da distância temporal, é possível identificar traços característicos de diferentes estilos e tendências que contribuíram para a construção do texto. Nesse sentido, as circunstâncias que cercaram a publicação de "As Formigas" (1977) refletem de forma expressiva as particularidades do período da ditadura militar, revelando aspectos sociais, culturais e políticos que permeavam a produção literária da época.

O século XX foi um período de profundas transformações, uma era marcada por guerras devastadoras, revoluções culturais e avanços tecnológicos que redefiniram a maneira como o ser humano percebia o mundo. Nesse contexto, a literatura tornou-se um espelho dos medos, anseios e questionamentos da sociedade, capturando as inquietações de uma época em que a certeza cedeu lugar à dúvida.

Quando Lygia Fagundes Telles escreveu “As Formigas” em 1977, o Brasil vivia os anos de chumbo da ditadura militar (1964-1985), um período de censura, repressão e incerteza. A literatura, muitas vezes, sufocada pela mão do regime, encontrou caminhos para expressar o indizível, não apenas por meio da denúncia explícita, mas pela construção de atmosferas sufocantes e metáforas que traduzem o sentimento coletivo de angústia. De acordo com Carpeaux (1973):

Os descontentes com esse estado de coisas costumam denunciar um grande responsável: a censura. Certamente a censura não é a amiga desinteressada da literatura, das artes, do teatro, do cinema; e tem aversão marcada contra as ciências sociais. Mas muito mais forte que a censura afigura-se-me a autocensura. E a autocensura sempre se inspira no medo da censura. Seu motivo principal é o instinto de autoconservação econômica, que desaconselha os conflitos, preferindo às artes e às ciências conflitantes, o comodismo e a apatia (Carpeaux, 1973, p. 6).

Dessa forma, o conto de Lygia Fagundes Telles não apenas evoca o fantástico, mas também dialoga com o medo do desconhecido, a hesitação diante de um perigo invisível, mas presente. Essa sensação reflete o próprio clima político e social da época, onde a insegurança rondava cada esquina e onde o silêncio, muitas vezes, era imposto.

Se a literatura tradicional trabalha com narrativas mais diretas, a literatura fantástica e psicológica desse período encontrou formas de driblar a censura. O absurdo, o mistério e o não-dito tornaram-se ferramentas para expressar aquilo que não poderia ser dito explicitamente. Assim, “As Formigas” (1977) não apenas conduz o leitor por um enigma sobrenatural, mas o envolve em uma atmosfera inquietante, onde o protagonista se vê preso em um universo de incerteza, um reflexo direto da sociedade em que a autora vivia.

No final das contas, “As Formigas” (1977) é mais do que um conto fantástico: é um recorte de um período histórico, um reflexo de um Brasil que vivia sob tensão e um testemunho de como a literatura se moldou para capturar as inquietações humanas em meio às transformações. O fantástico de Lygia Fagundes não é apenas um artifício narrativo, mas uma ferramenta para revelar o mundo invisível que existia

por trás da realidade concreta.

Portanto, a literatura do século XX não apenas narrou os eventos da época, mas os sentiu, os transformou e os perpetuou. E Lygia, com sua genialidade, fez exatamente isso, traduziu a atmosfera de uma sociedade em ebulição por meio do fantástico, provando que, às vezes, o irreal pode ser a forma mais precisa de entender o que é real.

4.2 A função do fantástico na composição dos enredos e personagens

As narrativas fantásticas têm um papel importante no conto, principalmente quando analisadas dentro do contexto social e cultural das obras. No caso de “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, a presença do fantástico se dá de diferentes formas, mas ambas as obras apresentam elementos fantásticos que ajudam a entender melhor a realidade do período em que foram escritas.

No conto “A Cafeteira” (1831) de Théophile Gautier, a presença do fantástico é utilizada para representar a vivência do artista em uma sociedade que o suprime. A cafeteira mágica promove a transformação do protagonista num grande artista, mas ao mesmo tempo, o separa do público que não consegue compreendê-lo. Isso representa a dificuldade que os artistas têm em encontrar um lugar na sociedade e a desconexão que, muitas vezes, ocorre entre o artista e seu público. Ainda, através do uso do fantástico, consegue representar a relação entre o artista e o mercado cultural da época.

Outro viés, é a forma como o autor utiliza o fantástico não apenas para criar uma atmosfera sobrenatural, mas também para criticar a rigidez da percepção humana e os limites impostos pela racionalidade. Por meio da transformação de objetos inanimados em entidades vivas e da interação do protagonista com figuras que emergem das pinturas, ele desafia a lógica convencional e sugere que a realidade pode ser mais fluida do que se imagina.

Na construção narrativa das obras de Lygia Fagundes Telles, Fábio Lucas (1989) ressalta a importância dos temas explorados, evidenciando como contribuem

para a profundidade e riqueza dos textos. Por meio de sua análise, enfatiza a maneira pela qual tais temas transcendem a linearidade convencional da trama, ampliando o impacto literário e promovendo reflexões sobre a complexidade humana e social.

Lygia Fagundes Telles constrói enredos em que o natural se entrelaça ao sobrenatural, agrega aos núcleos temáticos subenredos que se ramificam, a propor ambigüidades, estados sutis da psicologia, surpresas de atos falhos, abismos de dúvidas, etc. Joga de preferência com a corrente de pensamento, a rotação do drama da consciência, colocando a personagem em confidência com o leitor, num fluxo de confissão no qual se imprimem, no discurso consciente, traços impressionantes do inconsciente (Lucas, 1989, p. 126).

No conto “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, a presença das formigas assume um papel simbólico profundo, funcionando como uma metáfora para a opressão e a exploração humana. A narrativa acompanha duas primas que se mudam para uma pensão e descobrem um caixote com ossos de um anão, desencadeando uma série de eventos estranhos e inquietantes.

As formigas, que aparecem repetidamente no conto, são mais do que simples insetos, elas representam um mecanismo de dominação e repetição, refletindo a condição dos indivíduos que vivem sob sistemas opressores. A forma como elas se organizam e interagem com os ossos sugere uma força invisível que rege e manipula a existência dos personagens, criando uma atmosfera de desconforto e mistério.

Além disso, a presença das formigas pode ser interpretada como um símbolo da inevitabilidade da morte e da decomposição, reforçando a ideia de que a exploração e a opressão são processos contínuos e sistemáticos. A relação entre os ossos do anão e as formigas sugere uma conexão entre o passado e o presente, indicando que a exploração dos mais fracos persiste ao longo do tempo. Nessa perspectiva, a escrita de Lygia Fagundes Telles, marcada pelo uso do fantástico e do psicológico, transforma elementos cotidianos em símbolos de grande impacto, tornando “As Formigas” (1977), uma obra que provoca reflexões sobre a condição humana e os ciclos de exploração.

Ambas as obras apresentam elementos fantasiosos que são utilizados para representar questões sociais relevantes de seus autores. Através do uso desses elementos, os autores conseguem extrair significados mais amplos e profundos sobre

a realidade em que vivem, tornando as histórias mais ricas e impactantes. A presença do fantástico permite que as narrativas transcendam a realidade, apresentando soluções simbólicas e imaginárias para os problemas sociais e culturais em questão. Dessa forma, os contos de Lygia Fagundes Telles e Théophile Gautier demonstram a importância das narrativas fantásticas na literatura e como essa técnica permite aos autores abordar questões complexas de uma forma acessível e significativa.

Nesse contexto, a literatura fantástica funciona como uma porta para o impossível, desafiando as leis da realidade e expandindo os horizontes da imaginação. Sua presença nos enredos e na construção dos personagens não se limita apenas ao entretenimento, mas cumpre funções fundamentais na narrativa. No desenvolvimento dos enredos, o fantástico pode atuar como metáfora para questões humanas profundas, permitindo a abordagem de temas complexos de forma simbólica ou alegórica. Mundos mágicos, criaturas sobrenaturais e eventos inexplicáveis podem representar dilemas existenciais, conflitos sociais ou psicológicos.

Já na construção dos personagens, o elemento fantástico pode amplificar emoções e características humanas, destacando medos, desejos e dilemas de forma intensa. Os personagens vivem experiências extraordinárias que, apesar de surreais, ressoam com o leitor, tornando-se símbolos de transformação, estranheza e identidade, como vimos nos contos analisados.

Sendo assim, o elemento fantástico na literatura não serve apenas para deixar a história mais interessante. Ele nos ajuda a enxergar a realidade de um jeito diferente, permitindo reflexões profundas sobre quem somos e como lidamos com o mundo ao nosso redor. Seja para provocar reflexões, desafiar convenções ou simplesmente permitir o escapismo, ele continua a ser um dos pilares mais fascinantes da literatura.

4.2.1 Théophile Gautier e sua obra “A Cafeteira”

O conto “*A Cafeteira*” (1831) é uma viagem fascinante pelo universo dos sonhos, estruturada em três capítulos cuidadosamente concebidos para envolver o leitor. A presença de uma epígrafe que remete ao sonho de José, conforme narrado na Bíblia em Gênesis 37.9: “Vi sob sombrios véus Onze estrelas nos céus, A lua, o

sol também, Me reverenciando, E silenciando, No meu sono e além. A visão de José.” (Costa, 2006, p. 157). Não é meramente decorativa, ela funciona como um elo simbólico, reforçando a centralidade do sonho como elemento definidor da trama.

Diferente de narrativas marcadas pelo dinamismo dos diálogos, “A Cafeteira” se distingue por uma construção envolvente que prioriza a imersão na experiência onírica do protagonista. A ausência predominante de conversas diretas não significa falta de profundidade, pelo contrário, a descrição meticulosa do sonho conduz o leitor por uma jornada intensa, quase hipnótica, onde cada detalhe contribui para um crescente senso de mistério e descoberta.

A história se passa em uma fazenda no interior da Normandia, onde o protagonista Théodore e seus amigos Arrigo Cohic e Pedrino Borgnioli passariam alguns dias. Após um bom tempo na estrada e muita chuva, chegam ao destino final. O casarão, descrito com precisão quase cinematográfica, desperta no leitor uma curiosidade latente, há algo ali que parece transcender a mera arquitetura, algo que sussurra segredos antigos entre suas paredes.

Cansados, após o jantar são direcionados cada um para o quarto em que iriam ficar hospedados. Mas é ali, na privacidade desse espaço sombrio, que o fantástico começa a se insinuar: “[...] nos mandou levar cada um a seu quarto. O meu era grande; senti, ao entrar, uma espécie de calafrio, pois me parecia ter entrado em um mundo novo” (Costa, 2006, p. 157). Observa-se um ar de mistério, quando o personagem cita o modo como ele se sente ao entrar no quarto, a sensação de ter sido transportado para um outro universo, apresenta-se então a fuga da realidade, uma das evidências do fantástico.

Por mais que Theodore estivesse com medo de dormir naquele quarto, o cansaço tomou conta e ele não conseguia diferenciar do que era sonho ou realidade, passou a descrever minuciosamente cada objeto, presenciando cada peça ganhando vida, causando ainda mais suspense, tornando objetos em seres inanimados:

De repente, o fogo adquiriu um estranho grau de atividade, um clarão esbranquiçado iluminou o quarto, e vi claramente que o que eu tomara por vãs pinturas era a realidade; pois as pupilas desses seres emoldurados se moviam, cintilavam de forma singular; seus lábios se abriam e se fechavam como lábios de pessoas que falam, mas eu nada ouvia além do tique-taque do relógio e do assobio de vento de outono (Costa, 2006, 158).

Um dos aspectos da literatura fantástica é a hesitação, o medo, o suspense e o mistério. Por isso, o personagem Theodore estava completamente assustado quando relata o seguinte trecho: “Um terror incontrolável se apoderou de mim, meus cabelos se arrepiaram na testa, meus dentes se entrechocaram a ponto de quase quebrar, um suor frio inundou todo o meu corpo” (Costa, 2006, p. 58). Sem dúvidas, o enigma que ainda está no início da história, o leitor tem a curiosidade de ler até o final.

Cada peça do quarto parecia ganhar consciência, trazendo consigo uma atmosfera de suspense sufocante, onde o próprio ambiente se tornava um ser à espreita. Um a um, os objetos ao seu redor começaram a se transformar, assumindo uma presença inquietante, como se estivesse despertando de um longo sono. O enredo tinha um tempo cronológico, a cada uma hora o sino badalava. O badalar tinha um objetivo, havia o momento da transformação dos seres, a hora da dança, assim como também a hora de se retirar.

Ao longo desse sonho misterioso, não sabia o que era mais sobrenatural, os quadros se tornarem pessoas, orquestra de música conduzida por objetos ou uma cafeteira que se torna uma linda mulher. Então: “O relógio bateu uma hora; eles pararam. Vi algo que me escapara: uma mulher que não dançava” (Costa, 2006, p. 160). Theodore se depara com o momento chave dessa trama, ele se encanta com a beleza de uma linda moça, misteriosa e delicada:

Nunca, nem em sonho, algo tão perfeito se apresentara aos meus olhos; uma pele de uma brancura deslumbrante, cabelos de um louro-acinzentado, longos cílios e pupilas azuis, tão claras e tão transparentes que através delas eu via sua alma, tão distintamente quanto uma pedra no fundo de um riacho.

E senti que, se algum dia me acontecesse amar alguém, seria ela. Precipitei-me para fora da cama, de onde até então não conseguira me mover, e me dirigi para ela, guiado por alguma coisa que agia em mim sem que eu pudesse me dar conta; e me vi junto a seus joelhos, uma das suas mãos nas minhas, conversando com ela como se a conhecesse há vinte anos (Costa, 2006, p. 160 - 161).

Era fascinante a intensidade daquele momento, o modo como Theodore relatava o tempo em que esteve com Ângela, causava dúvidas se realmente era um sonho ou realidade. Tendo em vista que, a linda moça não podia ultrapassar o tempo, muito menos se esforçar, ainda assim ela insiste em dançar com ele. Mas o que

ninguém esperava era que ao se exceder, ficaria fraca e se tornaria em uma cafeteira quebrada em vários pedaços.

A cotovia cantou, uma claridade pálida cintilou nas cortinas. Assim que Ângela a percebeu, levantou-se precipitadamente, deu-me adeus com um gesto e, após alguns passos, soltou um grito e caiu no chão. Tomado de assombro, acorri para levantá-la... Meu sangue congela só de pensar: tudo o que encontrei foi a cafeteira quebrada em mil pedaços (Costa, 2006, 162).

Seus amigos preocupados vão até o quarto de Theodore para ver o que tinha acontecido. Ele acorda sem acreditar no que havia se passado naquela noite, confuso e desorientado, pois estava vestido com roupas à francesa. Após o almoço, o tempo ainda era chuvoso, cada um se entretia com algo. Theodore então, começa a rabiscar o rosto daquela moça na qual se apaixonou naquela noite misteriosa. O anfitrião da casa, começa a observar o desenho e relata espantoso o quanto o rosto daquela moça se parecia com o de sua irmã Ângela.

Surpreso, Theodore logo pergunta se ela está viva ou morta, mas, infelizmente Ângela havia morrido a dois anos de pneumonia, depois de um baile. Arrasado, Theodore entende que o que ele viveu foi algo sobrenatural, e que infelizmente ele jamais viveria aquele amor. Assim, a história termina com uma incógnita, o que o personagem protagonista viveu foi somente um sonho ou realidade? Diante disso, podemos constatar vários elementos da literatura fantástica neste conto, a começar pelo mistério, suspense, hesitação e medo do desconhecido, a partir das sensações do personagem principal e também do leitor.

Assim, é possível observar que Théophile Gautier transforma palavras em percepções e narrativa em experiência. Seus contos fantásticos não pedem apenas que o leitor acompanhe a história, ele exige entrega, convida para um mergulho profundo naquilo que não pode ser explicado. Afinal, o verdadeiro mistério não é aquele que se resolve, mas o que continua a assombrar, mesmo depois da última página ter sido virada.

4.2.2 Lygia Fagundes Telles e sua obra “As Formigas”

O conto está estruturado em texto único, sem capítulos. Assim como a narrativa anterior, possui uma construção envolvente que prioriza a imersão na experiência onírica da narradora-protagonista. Seu enredo se dá em uma pensão simples, onde duas estudantes, uma de direito e uma de medicina decidiram morar, pois era próximo a universidade. Logo no início, elas descrevem detalhadamente como é o local onde elas iriam ficar:

Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho (Telles, 2009, p. 9 - 10).

A maneira como é descrita aquela pensão é possível sentir um pouco de medo e hesitação, já que parece um lugar sombrio. Sem contar que o último inquilino também era estudante de medicina e deixou um caixote com ossos de anão. E claro, a estudante de medicina ficou fascinada por aqueles pequenos ossos, tão raros e branquinhos.

— De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí — admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal.
— Tão perfeito, todos os dentinhos! (Telles, 2009, p. 10).

Na mesma noite, a personagem-protagonista sonha misteriosamente com um anão sentado ao lado de sua prima e fica lá, vendo-a dormir. Ao acordar, assustada, a luz acesa observa a sua prima no chão olhando fixamente para umas formigas que ali estavam. O aparecimento das formigas, que são as personagens antagonistas, é o ponto principal da obra. Elas apareciam no início da madrugada, caminhando enfileiradas em direção ao caixote, e desapareciam pela manhã.

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

— São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida — estranhei.

— Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

— Está debaixo dela — disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. — Preto de formiga! Me dá o vidro de álcool.

— Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

— Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui (Telles, 2009, p. 12).

Mais uma vez, a estudante de direito volta a sonhar, mas dessa vez não era com as formigas, era com o professor. A obra possui o tempo cronológico, então quando soou o despertador, ao levantar percebe rapidamente que as formigas mortas da noite anterior não estavam ali, e ninguém havia limpado, então começa o mistério para entender a finalidade de todas as noites as formigas virem até aquele caixote.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei.

— E as formigas?

— Até agora, nenhuma.

— Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

— Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

— Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então, quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

— Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo (Telles, 2009, p. 13).

Ainda curiosa e tensa a estudante de direito vai até a porta e sente um cheiro muito forte de mofo, mas passa um aromatizante e logo vai deitar. Em um sonho, dessa vez estava em uma prova oral, e tinha marcado um encontro com dois namorados ao mesmo tempo, aparece o primeiro, só que a preocupação dela era que o segundo fosse o anão. Ao acordar, sua prima estava na ponta da cama perplexa, pois as formigas tinham voltado, e o mistério não parava por aí, pois todos os ossinhos

estavam todos em posições diferentes.

— Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando o seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!
 — Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso? (Telles, 2009, p. 15).

No intuito de desvendar aquele mistério, a estudante de medicina ficaria vigiando a noite toda para descobrir a finalidade daquelas formigas. Acorda desesperadamente a estudante de direito, com as malas prontas, pois a estudante de medicina percebeu que o objetivo das formigas era montar o esqueleto do anão, e naquele dia elas estavam mais rápidas do que nunca.

Quando acordei, a trilha já estava em plena movimentação. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...
 — O que foi? Fala depressa, o que foi?
 Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.
 — Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.
 — Você está falando sério?
 — Vamos embora, já arrumei as malas (Telles, 2009, p. 16).

A obra “As Formigas” (1977) mergulha o leitor em uma atmosfera inquietante, onde o fantástico se entrelaça ao mistério e ao medo do desconhecido. Desde os primeiros instantes, a narrativa constrói uma tensão quase palpável, levando o protagonista, e o próprio leitor, a uma jornada de hesitação e perplexidade.

Cada cena é cuidadosamente arquitetada para intensificar o suspense. A chegada à pensão marca o primeiro contato com uma ambientação noturna, carregada de um pressentimento inquietante. Algo não parece certo, e essa sensação de desconforto se torna cada vez mais opressiva à medida que a história avança. O leitor é levado a questionar não apenas o que vê, mas o que sente e, sobretudo, o que não consegue explicar.

Sendo assim, à medida que o mistério das formigas se desenrola, a tensão

crece como uma sombra que se estende pelo chão. Pequenos detalhes tornam-se pistas, revelações surgem em meio ao medo, e a linha entre o racional e o sobrenatural se desfaz. Aqui, a hesitação se transforma em desespero, e o fantástico deixa de ser apenas um elemento narrativo, ele se torna inevitável, um destino do qual não se pode escapar.

4.3 O fantástico nas fronteiras da literatura comparada

A literatura fantástica é um convite para atravessar o limiar do desconhecido, uma fissura na realidade que nos faz questionar os limites do possível. Dentro desse universo, “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, emergem como dois pilares que, apesar de separados por tempo e contexto cultural, dialogam de forma surpreendente ao explorar o mistério, a hesitação e a fragilidade da percepção humana.

Em “A Cafeteira” (1831), o protagonista se vê imerso em um espaço onde o sonho e a realidade se confundem. Conforme (Costa, 2006, p. 165) “Quando voltei a mim, estava em minha cama, com Arrigo Cohic e Pedrino Borgnioli de pé a minha cabeceira.” O ambiente do conto, descrito com uma atenção aos detalhes que beira o hipnótico, transforma objetos inanimados em entidades que parecem possuir uma vida própria. Como um viajante perdido em uma dimensão que existe apenas na fronteira entre o sono e a vigília, Theodore se rende ao inexplicável, sentindo na pele a vertigem do fantástico.

Lygia Fagundes Telles, por outro lado, costura sua narrativa em “As Formigas” (1977) com um suspense psicológico que avança silenciosamente, tal como as pequenas criaturas que se tornam protagonistas de seu conto. Aqui, o fantástico não se impõe de imediato, mas surge em doses sutis, como uma sombra crescente. A hesitação permeia cada linha, o leitor, assim como o personagem, não tem certeza do que vê. Conforme Telles (2009, p. 9): “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima. — É sinistro”. A pensão na qual a protagonista se hospeda não é apenas um espaço físico, é um portal para a

incerteza, onde o medo do desconhecido se instala lentamente, como um veneno de efeito tardio.

Ambos os contos exploram a fragilidade da mente diante do inexplicável. “A Cafeteira” (1977) trabalha com o aspecto sensorial do medo, o frio ao entrar no quarto, os objetos que parecem despertar, o desconforto crescente que se transforma em algo impossível de ignorar. Já “As Formigas” (1977) constrói o medo como uma força invisível que corrói a lógica, levando o protagonista a questionar a própria realidade. Se em Théophile Gautier o medo surge da ruptura entre o sonho e o mundo concreto, em Lygia Fagundes Telles ele se manifesta como um enigma, um lento sufocamento psicológico que culmina em um choque silencioso e definitivo. Ambos os autores nos fazem refletir sobre como o horror pode estar tanto em um evento sobrenatural quanto na impossibilidade de distinguir entre o real e o imaginário.

Mais do que meros relatos sobrenaturais, “A Cafeteira” (1831) e “As Formigas” (1977) nos conduzem por territórios onde o fantástico não é apenas um elemento narrativo, mas uma lente que amplia as angústias humanas. O medo da morte, o fascínio pelo desconhecido e a dúvida constante sobre o que é real são temas universais que permeiam essas histórias, tornando-as atemporais.

Embora compartilhem diversos aspectos em comum, é essencial destacar as diferenças entre os contos, pois a literatura comparada nos permite explorar contrastes igualmente enriquecedores. Escritos em períodos muito distintos, com um intervalo de 146 anos entre eles, essas obras demonstram como a literatura resiste ao tempo, preservando sua essência apesar das transformações ao longo dos anos. Segundo Nogueira Lins (2012):

A Literatura tem raízes na história, e mesmo as mais desinteressadas das produções literárias – o romance, o conto, a crônica ou o poema – são produtos de uma época e estão impregnados das idiossincrasias do momento histórico do qual fazem parte. (Nogueira Lins, 2012, p. 85-86).

Nessa perspectiva, a literatura nunca nasce do vazio, ela é uma testemunha silenciosa dos movimentos da história, das angústias de uma sociedade e das transformações que definem épocas inteiras. Enquanto “A Cafeteira” (1831) traz objetos inanimados como parte do enredo, “As Formigas” (1977) segue um caminho

diferente, destacando como antagonistas as próprias formigas, que assumem um papel central na trama. Outro ponto de distinção está na estrutura textual: “A Cafeteira” (1831) é organizada em três capítulos, o que influencia diretamente o ritmo e a forma da narrativa.

Os contos analisados revelam semelhanças marcantes, especialmente no estilo narrativo, que mergulha no fantástico. O desenrolar dos acontecimentos se dá por meio de diálogos, enquanto a narrativa se organiza dentro de um tempo cronológico que guia a jornada dos personagens. Outro aspecto semelhante encontrado nos contos é o ambiente em que se passa as narrativas, ambos são lugares antigos e com atmosfera misteriosa. Também há relação entre os personagens narradores dos dois contos: Theodore, no conto “A Cafeteira” é imerso no universo onírico, o qual se passa a maior parte da narrativa, e a estudante de direito em “As Formigas”, também era submetida a sonhos, que ocorriam frequentemente. São obras que desafiam nossa percepção, nos provocam e nos fazem hesitar. O fantástico, nesses contos, não é um mero detalhe, mas uma força que nos obriga a atravessar a tênue linha entre o que sabemos e o que nunca poderemos compreender completamente.

Embora distantes no tempo e na forma, “A Cafeteira” (1831) e “As Formigas” (1977) compartilham uma essência em comum: o fantástico como ferramenta de inquietação e dúvida. Ambos os contos nos desafiam a questionar os limites da percepção, a hesitar diante do inexplicável e a compreender que, muitas vezes, o maior mistério não está em um evento sobrenatural, mas na própria fragilidade da mente humana.

Dessa forma, a análise comparada dessas obras revela como o fantástico pode se moldar de diferentes formas de acordo com o tempo, o espaço e os objetivos do autor. Como afirma Kristeva (1969) *apud* Moisés (1982, p. 202) “Todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Gautier, inserido no século XIX, carrega em sua narrativa traços do romantismo e do gosto pela estética sobrenatural, enquanto Lygia, no século XX, insere o fantástico dentro de um contexto psicológico e intimista, refletindo as angústias da modernidade.

Além disso, o distanciamento temporal entre essas obras ressalta a evolução do gênero fantástico ao longo da literatura. Sendo assim, “[...] a obra literária se

constrói como uma rede de “relações diferenciais” firmadas com os textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, [...]” (Carvalho, 2001, p. 47). No século XIX, o sobrenatural muitas vezes era tratado como um elemento externo que invade a realidade, enquanto no século XX ele se torna um mecanismo interno, psicológico, que desestabiliza a mente do protagonista sem precisar recorrer a fantasmas ou espectros.

A literatura nunca existe isolada, mas sim como parte de um vasto diálogo que atravessa fronteiras temporais e culturais. “A comparação pode ser vista [...], como um recurso de análise e interpretação que, por seu caráter diacrônico, permite que se investiguem contextos culturais e literários variados, complexos e representativos de diferentes culturas” (Boniatti, 2000, p. 31). Comparar textos não é apenas um exercício acadêmico, mas um caminho para entender como diferentes sociedades expressam suas angústias, seus sonhos e suas percepções do mundo. Na perspectiva de Carvalho (1997):

Reconhecer que a literatura comparada é hoje plural; que assume formas distintas, estreitamente relacionadas não apenas com os conceitos teóricos que validam as metodologias adotadas, mas também com os locais onde é praticada. E é precisamente a diversidade das práticas que permite converter seu conjunto em objetos de comparação, pois não se pode comparar o que é totalmente idêntico (Carvalho, 1997, p. 9).

Sendo assim, a comparação pode ser vista como um recurso de análise e interpretação que, por seu caráter diacrônico, nos permite investigar contextos literários e culturais diversos, revelando complexidades que, à primeira vista, podem parecer ocultas. Além disso, a literatura comparada nos permite ver que o fantástico, mais do que um gênero, é uma linguagem universal, um convite para explorar o desconhecido, seja ele habitado por objetos inanimados ou por formigas enigmáticas que se movem entre as sombras do pensamento. Afinal, o medo do que não podemos compreender sempre será o mais íntimo e o mais poderoso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura fantástica não é apenas um jogo narrativo que flerta com o impossível. Mais do que isso, ela se torna um espelho distorcido, mas profundamente revelador, dos medos, desejos e angústias que permeiam a existência humana. Ao analisarmos “A Cafeteira” (1831), de Théophile Gautier, e “As Formigas” (1977), de Lygia Fagundes Telles, percebemos como o fantástico, apesar de suas nuances diversas, opera sempre como um convite à hesitação e ao desconhecido.

Se Gautier nos conduz por um universo onde o sonho se confunde com a realidade, dissolvendo as barreiras do tempo e da lógica, Lygia nos prende em uma atmosfera de inquietação psicológica, onde a dúvida se torna o principal elemento do terror. Ambos os contos criam experiências narrativas que fazem o leitor vacilar entre acreditar e duvidar, tornando a incerteza não apenas um tema, mas uma ferramenta de imersão.

O fantástico só se sustenta quando há hesitação, quando não há certezas absolutas sobre o que é real e o que é fruto de uma percepção alterada. Em “A Cafeteira” (1831), Theodore não sabe se viveu um sonho ou uma realidade sobrenatural; em “As Formigas” (1977), o protagonista hesita entre o medo concreto e uma paranoia que cresce silenciosamente. Essa suspensão do entendimento pleno gera uma inquietação que prende o leitor, fazendo-o experimentar o mesmo desconforto das personagens.

Essa característica não apenas torna a leitura envolvente, mas reflete um aspecto muito humano, nossa tendência a duvidar do que não conseguimos explicar. O fantástico, nesse sentido, transcende o conto e alcança uma dimensão filosófica, questionamos a nossa própria percepção da realidade e como nossas emoções podem nos conduzir a estados de hesitação.

A escolha do fantástico em ambas as obras não é acidental, ele opera como um mecanismo para explorar temas mais profundos sem recorrer ao explícito. A angústia do tempo e da morte em “A Cafeteira” (1831) e a tensão psicológica em “As Formigas” (1977) se tornam ainda mais impactantes porque surgem no entrecruzamento entre o real e o imaginário. O medo aqui não é apenas pelo sobrenatural, mas pelo que ele revela, em Gautier, a impossibilidade de um amor que transcende o tempo; em Lygia, a fragilidade da mente diante do inexplicável.

Ambos os contos mostram que o fantástico não é uma fuga da realidade, mas sim uma ampliação dela, um modo de explorar aquilo que, muitas vezes, não pode ser abordado de maneira convencional. Ele nos força a enxergar além do óbvio, a questionar nossas certezas e a encarar nossos próprios temores.

O que define um bom conto fantástico não é apenas o mistério ou a construção do sobrenatural, mas a maneira como ele transforma quem o lê. Em “A Cafeteira” e “As Formigas”, o leitor não sai ileso, ele carrega consigo a hesitação dos personagens, a inquietação do desconhecido e a sensação de que, talvez, a realidade seja muito mais instável do que imaginamos.

Assim, o fantástico prova sua relevância não apenas como um gênero literário, mas como uma forma de explorar nossa própria percepção do mundo. Portanto, esses contos nos fazem perceber que a incerteza não é apenas um elemento narrativo, ela é parte essencial da experiência humana. E talvez, no fim das contas, o verdadeiro fantástico esteja em nossa própria incapacidade de compreender por completo tudo o que nos cerca.

REFERÊNCIAS:

- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org.). **Literatura comparada**. Teoria e prática. 1. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.
- BONIATTI, Ilva Maria Bertola. **Literatura comparada: memória e região**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- BRUNEL, P.; PICHOS, C. L.; ROUSSEAU, A. M. Nascimento e desenvolvimento. *In: . Que é literatura comparada?* Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 1-11.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARPEAUX, Otto Maria. (1973). **Arte e sobrevivência**. Opinião, Rio de Janeiro, n. 9, p. 6, 1 a 8 jan.
- CARPEAUX, Otto Maria. **O Romantismo**. São Paulo: Leya, 2012. (História da Literatura ocidental; v.6).
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Niterói, nº 1, p. 9-21, 1991.
- CARVALHAL, Tania Franco. (org.) **Literatura comparada no mundo: questões e métodos**. [s.n.], - Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. - São Paulo: Ática, Série Princípios, 2001.
- COGGIOLA, Osvaldo. NOVAMENTE, A REVOLUÇÃO FRANCESA. Projeto História: **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 2014, p. 47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137>. Acesso em: 03 de abril de 2025.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- CORTÁZAR, Julio. Algunos aspectos del cuento. *In: Obra crítica/2*. Buenos Aires: Alfaguara, 1994.
- COSTA, Flávio Moreira. **Os melhores contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 157-164.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- LUCAS, Fábio. (1989). O conto no Brasil Moderno: 1922-1982. *In: Do Barroco ao Moderno*. Vozes da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática.
- MALRIEU, Joel. **Le Fantastique**. Paris: Hachette, 1992.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org.). **Literatura comparada**. Teoria e prática. – Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996. p. 13-28.

MARTINS, Isabella Marques de Cervinho. **Duplos mistérios**: um estudo em Lygia Fagundes Telles. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

MOISÉS, Leyla Perrone. Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia. In: **Momentos de Crítica Literárias III** - Anais do VI Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literárias e II Seminário Internacional de Literatura. Campina Grande-Paraíba – Brasil. [s. n.], João Pessoa: A União Cia., 1982. p. 199-207.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e cultura. São Paulo: Editora da USP, 2010.

NOGUEIRA LINS, Juarez. Efeitos de sentido sobre identidade negra na crônica contemporânea Racismo, de Luís Fernando Veríssimo. In: MELO, Marilene Carlos do Vale (Org.). **Nos caminhos das literaturas**. [s.n.], – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 83-99.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária**: Portugal/Brasil. [s.n.], São Paulo: Moderna, 1999.

SANTOS, Camila Cristina dos. Between day and night: the duality in “La Morte Amoureuse” by Théophile Gautier. In: **Olho d’água**. São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 76-87, 2020. ISSN 2177-3807. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/739/611>. Acesso em: 12 de abr. de 2025.

SANTOS, Jeane de Cassia Nascimento Santos. **O mistério e fantástico em “as formigas”**. Edição Especial 90 anos de Lygia Fagundes Telles, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.18, jan./jun. 2013.

SILVA DIAS, Maria Fernanda. Lygia Fagundes Telles: vida, obra e legado para a Literatura Brasileira. In: **Faces da História**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 22–25, 2022. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2389> Acesso em: 12 de abr. de 2025.

SILVA, Elizabeth Pedrosa. As personagens femininas em Lygia Fagundes Telles: encontros e desencontros entre o eu e o mundo/ o eu e o outro. In: **Mnemosine Revista**. Programa de Pós-graduação em História/UFCG, Vol. 4 – no 2 Jul/Dez 2013. P. 16-29.

TELLES, Lygia Fagundes. **Mistérios**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. Seminário dos Ratos. In: **Seminário dos Ratos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 9-16.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TORNQUIST, Helena. Tendências comparatistas na leitura da obra machadiana. *In*: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org.). **Literatura comparada**. Teoria e prática. 1. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996. p. 74-86.